

**DESLIZANDO PARA A COLISÃO:
ENTRE DISTOPIA E REALIDADE N’O *PERFURANEVE***

Glissant vers la collision: entre dystopia et réalité du *Transperceneige*

Haniel Duarte da Silva
FURG
Luiza Andrade Luz
FURG

RESUMO

O presente artigo se constrói em torno do arco “A fuga”, do quadrinho francês *O Perfuraneve*, a partir de algumas questões suscitadas por sua história e pela crítica da modernidade. Assim, a catástrofe ambiental que serve como gerador dos eventos narrados no quadrinho é capaz de despertar o pensar sobre esta questão. Da mesma forma ocorre com o testemunho e a memória, que tomam contorno diante de um cenário distópico.

Palavras-chave: quadrinhos; testemunho; modernidade.

RESUME

Le présent article s'articule autour de la tentative de mise en dialogue de l'arc “L'échappé” de la bande dessinée française *Le Transperceneige*, à partir de quelques questions soulevées par son histoire et la critique de la modernité. Ainsi, la catastrophe environnementale qui sert de générateur aux événements racontés dans la bande dessinée est capable d'éveiller la réflexion sur cette question. De la même façon cela se produit avec la question du témoignage et de la mémoire, qui prennent forme face à un scénario dystopique.

Mots-clés: bande dessinée; témoignage; modernité.

Introdução

O quadrinho francês *O Perfuraneve* foi publicado originalmente em 1984 e escrito por Jacques Lob e Jean-Marc Rochette. Após quinze anos, 1999, Benjamin Legrand e Jean-Marc Rochette lançaram um segundo tomo, seguido de mais outro volume, completando assim a formação da história em três arcos: “O Perfuraneve”, “O explorador” e “A travessia”; ainda há a previsão de publicação de um quarto e último capítulo, “Terminus”, ainda inédito. Quando o segundo tomo é publicado, os autores modificam o nome da primeira história, que passa a se chamar “A fuga”, e que será a denominação utilizada no presente estudo. A história retrata um trem que percorre “a branca imensidão de um eterno e congelante inverno de solidão, corre, de uma ponta à outra da terra, um trem cujo movimento nunca se encerra... É o expresso Perfuraneve, com seus mil e um vagões. É o último bastião da civilização!” (LOB; LEGRAND; ROCHETTE, 2015, p. 7).

No presente trabalho, procura-se problematizar as questões suscitadas na referida obra, que, como distopia, se relaciona, direta ou indiretamente, com a realidade presente. Esta relação aparece, na maioria das vezes, em tom de denúncia nas obras ditas distópicas, ou seja, como narrativa que procura desdobrar certas formas de pensamento e ação de determinada configuração das sociedades humanas. Em *O conto da aia*, de Margaret Atwood, é desdobrado o possível avanço da sociedade patriarcal e retratada a catastrófica configuração que o dogmatismo teocrático pode ocasionar. N’O

Perfuraneve, outra preocupação bastante atual acaba por atuar como força generativa: a catástrofe ambiental, com a contínua degradação do planeta Terra e o espectro do aquecimento global, que nos últimos trinta anos ocupou diversos espaços, como a mídia e as universidades, e que já não é, talvez, possível de ser excluída das tentativas de reflexão que são propostas.

Ligada ao ambiente externo, do gelo e da falta de vida, está a forte crítica ao capitalismo, que acontece no interior dos vagões. Parece importante salientar que o que está entrelaçado, seja no quadrinho, seja na sociedade, é a catástrofe ambiental como produto do modo de vida capitalista. A velha promessa da modernidade, em que o homem se tornaria o dominador da natureza, é colocada em xeque com as respostas da natureza. O “progresso” científico continua servindo-se de subterfúgios para se eximir de seu papel como gerador de catástrofes, sendo leviano com o que o rodeia. Ele procurou na técnica a exclusão do elemento de uma responsabilidade ética e política, como é representado pelo movimento perpétuo do *Perfuraneve*.

1. A fuga

Logo nas primeiras linhas do quadrinho já é colocada uma das principais questões: com um trem negro percorrendo a neve como fundo é explicitada a violência dos guardas com um “fundista”. O “último bastião da civilização”, frase repetida inúmeras vezes para ilustrar aquilo que é o *Perfuraneve*, parece estar carregado da barbárie que sempre foi contraposta ao ideal civilizatório. Quem apanha por ter sido descoberto, tentando sair dos vagões do fundo do trem, é um dos protagonistas, Proloff. Em seguida, é apresentada a estrutura militarizada do trem, com coronéis e sargentos. Estes demonstram desconhecer a realidade dos vagões do fundo, o que ocasiona certa curiosidade sobre a vida de Proloff. A primeira imagem que é contada sobre a vida destas pessoas é a da impossibilidade do silêncio e da solidão.

Enquanto Proloff se encontra preso, surge Adeline Belleau, a outra protagonista do primeiro arco da história. Ela diz fazer parte de um grupo de ajuda ao terceiro comboio, que trabalha para integrar os ocupantes dos vagões do fundo na sociedade. Ela, assim como a hierarquia militar, também demonstra pouco conhecimento sobre os vagões do fundo. É neste momento que ocorre uma espécie de quarentena, e os dois protagonistas acabam trancados no quarto do vagão, já que o fundista está, supostamente, doente.

Quando os chefes do comando desejam ver Proloff e Adeline, se torna necessária a locomoção por dentro do trem, para chegar nos vagões do setor da frente. Durante o trajeto eles passam pelo chamado vagão-horta, um dos responsáveis pela vida biológica do *Perfuraneve*, onde também descobre-se que o dinheiro, em forma de moeda, já perdeu grande parte de seu valor. Do vagão, Proloff surrupia alguns tomates, ocasionando em mais um momento de afetividade entre os protagonistas, que riem e encontram brechas de felicidade na escuridão da situação, ao menos aparentemente.

Conforme a dupla avança pelos vagões, escoltados pelos guardas, é mostrada a tensão permanente no qual o trem vive, mesmo em vagões que são de segunda classe. Violência e mortes constantes se misturam na precariedade do modo de vida. Os compartimentos possuem donos, e mesmo para os guardas a travessia não é garantida. Aqueles que seriam os últimos seres vivos do planeta sobrevivem como é possível em uma realidade insalubre e pouco organizada.

Proloff demonstra não saber o que é a *mama*, que seria uma massa de carne que fica fervendo em um líquido especial, consistindo em uma fonte inesgotável, uma vez que sempre que se corta um pedaço ela cresce. Figura que parece mítica, lembrando a Hidra de Lerna da mitologia grega, mas que acaba se tornando aquilo que também separa os cidadãos da segunda classe dos fundistas: por pior que pareçam, nos desenhos, o aspecto e a reprodução da *mama*, Proloff é bastante claro sobre a escassez de comida no fundo. Os cadáveres são a principal forma de nutrição.

A seguir, é apresentado o *vap'shit*, um desinfetante de privadas que serve como narcótico, presença constante em distopias. Da mesma forma surgem os “irmãos da máquina” ou “pastores mecânicos”, espécie de culto que elegeu a santíssima máquina como ser divino referencial. No meio

dos fiéis, aparece a figura fascista típica da massa, que coloca como inútil a prática religiosa enquanto a santa máquina é obrigada a “arrastar” os vagões do fundo.

Adeline irrita-se com os comentários contra os habitantes dos vagões do fundo, inclusive com Proloff, acusando-o de permanecer calado quando deveria estar indignado. Antes de se irritar e dizer que ela não sabe o que está falando, seu rosto é focado, e o que aparece é uma mescla de tristeza absoluta e sentimento de impotência. Parece ficar claro que, para ele, a questão já não é tão simples e que não pode ser resolvida simplesmente se envolvendo em uma briga com a massa de fanáticos.

Quando finalmente chegam no vagão que abriga o Estado-Maior das forças armadas, são saudados pelo coronel e outras figuras importantes, que demonstram desconhecimento quase completo sobre a vida nos vagões do fundo, assim como enorme curiosidade. Estranham a aparência física de Proloff, altivo e aparentemente de boa saúde. É então que ele finalmente se irrita, acusando os militares e políticos de terem causado a guerra e do zoneamento dentro do Perfuraneve. A resposta bastante clara é “o passado ao passado pertence, o que me interessa agora é o presente”.

O presente, no caso, reside no fato que a *santa locomotiva* está desacelerando, aparentemente sem motivo, muito embora a principal suspeita tem lugar justamente no excesso de peso que os vagões do fundo apresentam. A justificativa dada pelos militares para o interesse em Adeline e Proloff é receber sua ajuda para a reorganização e integração dos ocupantes dos últimos vagões, para que estes possam ser desmembrados.

No caminho para os dormitórios, passando os vagões militares, se encontram os vagões destinados à criação de coelhos, ocorrendo novamente separação entre os ocupantes dos compartimentos do trem. Nestes já não se consome a carne sintética da *mama*. A entrada nos chamados vagões dourados é marcada pela falta de surpresa de Proloff com o que encontra: orgias, um bar, pessoas normalmente tomando café e fumando. Ainda assim, a legenda do quadrinho diz: “neste mundo fechado e dividido tanto os abastados quanto os perdidos têm como horizonte, única e somente, as paredes e limites de vagões e mentes” (LOB; LEGRAND; ROCHETTE, 2015, p. 66).

Proloff depara-se com os resquícios do antigo mundo, a partir de exemplares de livros e fitas de vídeo, apresentados por um novo companheiro com quem faz contato. Os dois entram em discussão sobre o que teria causado a catástrofe e Proloff se mostra bastante cético com os motivos da existência do Perfuraneve, como se o mesmo existisse justamente para o caso de ocorrer o que de fato aconteceu. O trem estaria planejado assim para os militares e para os figurões, assim como para algumas pessoas que estariam nos vagões de segunda classe. O fundo do trem foi, de fato, invadido. Novamente o protagonista descreve sua relação com a vida no fundo do trem: deseja apenas esquecer tudo o que aconteceu.

Após o jantar, e já um pouco embriagados, os dois seguem para o quarto e, em um momento de descontração, Proloff fica sabendo que os militares estavam mentindo e que não havia plano de reorganizar os “fundistas”, mas sim de simplesmente cortar os vagões e aproveitar o momento para matar o grupo de ajuda do qual Adeline faz parte. Ao mesmo tempo, uma epidemia começa a se alastrar pelos vagões e parece não haver dúvidas que ela está ligada ao protagonista. Ele e Adeline são obrigados a fugir pelos vagões, indo em direção à frente do trem.

Deste ponto em diante, enquanto a epidemia se espalha pelo trem e o pânico é generalizado, começa outra fuga por parte de Proloff e Adeline. A ação é contínua e os dois lutam para sobreviver às diversas barreiras que o trem e sua organização física e militar apresenta. Quando finalmente chegam até o homem que seria responsável pela ordem no trem, Proloff se mostra hesitante sobre o que deve fazer, relutando em matá-lo. Adeline então pega a arma, mas também não consegue fazer aquilo que achava necessário, liberando o homem. Em um instante, Proloff atira nas janelas do trem, e a temperatura que beira 90°C negativos começa a invadir o trem. Adeline morre congelada, mas, no último instante, ele é salvo por uma figura encapuzada.

A figura enigmática logo se apresenta como o engenheiro que projetou o Perfuraneve e que acabou se isolando em um dos vagões da frente. Explica que a máquina não necessita de condutor,

mas sim de alguma espécie de companhia. Com fortes tosses, dá indicações recorrentes de que está prestes a morrer e que quer confiar a Proloff seu legado. Este continua sofrendo com a morte de Adeline por se sentir culpado, não demonstrando paciência ou interesse em tomar o lugar do ancião.

O engenheiro explica que, apesar de funcionar sozinha, a máquina necessita se sentir habitada. Nas últimas duas páginas do arco, Proloff está sozinho na cabine de controle, mostrando-se cansado de carregar o fardo do movimento perpétuo que o trem representa. Na última legenda, a circularidade fica clara: “Percorrendo a branca imensidão de um eterno e congelante inverno de solidão, corre, de uma ponta à outra da terra, um trem cujo movimento nunca se encerra...” (LOB; LEGRAND; ROCHETTE, 2015, p. 114).

2. Memória e silêncio

Logo no primeiro contato entre Proloff e Adeline, um estranhamento acontece, pois o primeiro detém a possibilidade de externar a realidade dos fundistas, da miséria a qual estão submetidos e ainda assim não o faz. A mulher manifesta sua indignação com a falta de impulso do personagem neste sentido. Aqui fica caracterizado como as vivências de violência e crueldade podem propiciar, através da experiência, um modo de contar a história daqueles que sofreram com elas; cria-se assim a possibilidade de recontar uma história que não a dos vencedores.

Contudo, as histórias traumáticas acabam reforçando uma necessidade de não dizer o que passou ou de não tentar representá-las mais. Na tentativa de somente existir, aquele que porta o passado, segundo Adorno (1995, p. 11), força um encerramento do período e não sua elaboração. Mas o ato de emudecer em si o passado, por vezes julgado como fraqueza aos olhos comuns, passa a ser visto, em certa medida, pela reação ao que passou por representar a morte ou o sofrimento de um grupo ou uma classe. Passa por aqui a problemática de suprimir o que aniquila o homem, e que expressá-lo novamente parece ofensivo aos mortos.

Apagar a memória seria muito mais um resultado da consciência vigilante do que resultado da fraqueza da consciência frente à superioridade de processos inconscientes. Junto ao esquecimento do que mal acabou de acontecer ressoa a raiva pelo fato de que, como todos sabem, antes de convencer os outros é preciso convencer a si próprio.

Essa experiência pode ser percebida de modo paradoxal: mesmo que o traumatizado tenha visão privilegiada dos acontecimentos, reside aí a dificuldade de sua compreensão. Em contrapartida, é somente pela experiência traumática que ele poderia se relacionar imediatamente com o fato e por consequência respondê-lo, o que cria assim um descompasso entre eles.

O artifício do calar passa a ser a forma elegida por aquele que não teve a vida tomada para resistir ao trauma, sendo que o ato da fala é substituído pelo silêncio, que possui força:

a linguagem é apenas a vigia da angústia... Mas a linguagem se condena a ser impotente porque organiza o distanciamento daquilo que não pode ser posto à distância. É aí que intervém, com todo o poder, o discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior. (OLIEVENSTEIN apud POLLAK, 1989, p. 86).

Nosso protagonista é demonstração exata do que frutificaria da relação com sua própria experiência. Não ao acaso, como as vítimas da *Shoah*, em que as motivações para calar são muito mais complexas e que parecem estruturar de alguma maneira a memória sobre essas passagens, nota-se a semelhante reação de Proloff, nesse aspecto, ao lidar com as suas lembranças.

As cicatrizes da memória parecem ter momentos de latejamento, querem aflorar por mais força que a vítima faça para libertar-se do passado. Para Adorno, com razão mais que justificável, “não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo” (ADORNO, 1995, p. 9).

Há na história em quadrinhos dois momentos em que a memória se impõe, numa tentativa de expurgar-se, remontando na cabeça do personagem a atrocidade indizível que era a vida nos vagões do fundo.

No primeiro momento, um personagem pede para que todos saiam do vagão por uma hora, pois ele gostaria de ficar só, momento único sabe-se lá em quantos anos. Isso lhe é concedido por estar fazendo aniversário e, ao retornar, os habitantes notam que o velho se matara. A fortíssima imagem da insuportabilidade que se tornara a vida, se é que se pode usar essa palavra, nos vagões do fundo, aparece como rastro que “inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e sempre corre o risco de se apagar definitivamente” (GAGNEBIN, 2006, p. 44). Apesar de Proloff muitas vezes não parecer capaz de verbalizar aquilo que testemunhou, o caso do suicídio e a ausência do velho se fazem presente, quase que de forma involuntária, na “fuga” do protagonista, mesmo que ainda incompleta.

No segundo, ocorre a irrupção da lembrança, através da alucinação de Proloff, enquanto ele e Adeline estão fugindo dos guardas após o início da epidemia. Talvez por uma questão de adrenalina e semelhança, ou mesmo medo, ele se lembra de quando, ainda nos vagões do fundo, se encontrou encurralado por pessoas armadas de facas que o queriam “sacrificar”, pois não participava das tribos organizadas pelos fundistas. A imagem aqui é de alguém que não pertencia ao fundo, mas que também não pertence nos vagões da frente.

O protagonista parece representar, na história que está sendo contada, o eixo entre diversas realidades e temporalidades. É ele quem problematiza a questão da partida, que parece também esquecida por seus companheiros de jornada infinita. O seu perigo, para a organização que controla o Perfuraneve, está em ser aquele que carrega a memória dos acontecimentos.

Adorno defende que a mudança de comportamento em relação a negação rumo a um aprendizado a partir do horror está preferencialmente ligada a como o passado é pensado no presente e que sua elaboração relaciona-se com a eliminação do que causou aquelas vivências.

Não parece ser coincidência que os fatores científicos estejam presentes em grande parte das distopias do século XX. A secularização do conhecimento que ocorre na modernidade não significa, ao todo, o abandono da crença. O que ocorre é, de fato, a mudança de um paradigma teológico, que buscava explicações divinas para os acontecimentos mundanos, para um paradigma da razão. É uma mudança importante, mas que não se deu isolada. O fim do estado absolutista na Europa e a invasão do continente americano também devem ser integrados. Assim como o início do capitalismo e a industrialização que ocorre no Velho Continente.

Por tempo demais, o ser humano se colocou como aquele que havia, finalmente, dominado a natureza. Seguindo o modelo do sujeito que assujeita o objeto, a natureza constantemente se apresentou, na modernidade, como espécie de prêmio e sua subjugação como salvação. Ao final, parece ser claro que a salvação está longe e não passa por esse viés, assim como que a mutilação que este processo ocasionou no ser humano está chegando perto do ponto de irreversibilidade.

Reforçando esta ideia se encontra a *mama*, que parece uma clara alusão à ideia de mãe-terra. Este pedaço de carne que alimenta a segunda classe do trem parece, para os guardas ao menos, fonte inesgotável de alimento. É sustentáculo material da vida para estas pessoas. Isso quer dizer que, mesmo após a catástrofe ambiental, ainda é possível acreditar na ideia de consumo insustentável pregado pela modernidade, pois se acredita que, em um certo pensamento mágico, quanto mais se usa e degrada, maior a produção.

O cenário de catástrofe no qual o Perfuraneve roda é justamente este: embora nunca se tenha certeza do último passo que teria ocasionado o desastre ambiental que coloca a Terra como inabitável pelo ser humano, as hipóteses estão ligadas ao ideal de progresso moderno. Para Proloff, no entanto, tudo parece claro. Retomando o cenário da bomba de hidrogênio da Guerra Fria, reflete sobre a linha do tempo e encontra a explicação mais plausível: começada a guerra (não se sabe exatamente qual), a chamada “arma climática” acabou destruindo o planeta Terra.

O Perfuraneve, trem que possui as condições para suportar o novo clima, não seria mera coincidência. Seu projeto está intimamente ligado com o intento de utilizar armas com força além do controlável. Assim, o aspecto final da mútua destruição reside em uma leitura errônea da realidade. Não se trata de destruir ambos lados e nunca se tratou: é sempre sobre a destruição do planeta terra que se fala. Apenas dentro da racionalidade moderna que é possível abstrair todo o significado que a catástrofe carrega.

Proloff, como oprimido, apresenta muito maior clareza sobre este movimento que os “chefes” do Perfuraneve. Ao viver os resultados mais fortes da lógica do progresso e sentir na pele o êxito do progresso, ele não se surpreende com o que estava ocorrendo. Apesar de continuar agindo, sem ceder para forças que se colocam com cada vez mais força, não parece haver esperança de qualquer mudança na realidade. O modo como o primeiro arco do quadrinho acaba, com sua solidão e aparente loucura, pode servir como contraponto: mesmo ele teria sido consumido pelo último suspiro da modernidade, convertendo-se em habitante do Perfuraneve.

É possível dizer que nas tensões que se apresentam ao longo do quadrinho, entre diversas racionalidades, concebe-se o embate entre a racionalidade ética e a racionalidade ardilosa, nos termos de Souza (2010, p. 114). A partir do momento em que é capturado pelos guardas, existe a visão de uma certa razão vulgar, indiferente, típica do militarismo. É assim que “pela razão vulgar, transforma-se insignificâncias em relevância, e se retira da relevância seu significado, sua singularidade, inofensibilizando-a. *Suporta-se o in-suportável*” (SOUZA, 2010, p. 109, grifos do autor). Os guardas acham relevantes suas ações, colocando-se a todo momento como engrenagens indispensáveis em um mecanismo grandioso. Talvez seja a única maneira de lidar com a insuportabilidade de sua posição.

Ainda na mesma lógica, eles não conseguem entender o significado do encontro entre Adeline e Proloff. Quando eles conseguem escapar, mesmo que momentaneamente, e aproveitam o momento para rir, chorar ou trocar carícias, a raiva é despertada em sua escolta. Os pequenos raios de luz em meio à escuridão ferem por demais os olhos que já estão atrofiados para a própria possibilidade de felicidade. No entanto, a razão vulgar não é o centro do sistema de dominação. Ela precisa de um sustentáculo. Assim, dentro do cenário do quadrinho, tanto a massa religiosa quanto os guardas de escalão mais baixo representam a vulgaridade do pensamento, a indiferença com o próprio pensar, enquanto o topo da hierarquia militar e os chamados “figurões” fornecem o substrato necessário, pela razão ardilosa, para manter o controle do modo de ser da realidade.

Enquanto que na razão vulgar a violência é explícita, é o cassetete do guarda e o tiro à queima-roupa, na razão ardilosa a “violência é adocicada; justifica o injustificável, legitima o ilegítimo a partir da seiva argumentativa que destila desde a profundidade de seus interesses estratégicos” (SOUZA, 2010, p. 110). O abandono dos fundistas é injustificável sob qualquer ponto de vista. A razão ardilosa, no entanto, é capaz de encontrar diversos motivos para sua realização. O trem estar diminuindo de velocidade é transformado rapidamente em ligação entre o progresso do Perfuraneve e a massa de seres humanos que está sendo carregada, mas que não participa ativamente da vida dos vagões centrais.

A própria ideia de uma epidemia que seria carregada por Proloff atua como segunda justificativa possível para o extermínio: pela degradação do modo de vida, e apesar do reconhecimento da normalidade aparente do protagonista, os fundistas se mostram como ameaça biológica à vida normal. Mas o que importa notar é a tentativa extrema, que ao fim coloca em risco a “boa vida” nos vagões dourados, de cooptar Adeline e seu companheiro para realizar o trabalho sujo de escamotear a verdade. Eles também acabariam engrenagens no modo de operação típico da razão ardilosa.

O papel desempenhado ao longo do quadrinho pelos protagonistas, e que talvez seja aceito tacitamente, é o da necessária crítica da razão ardilosa e da razão vulgar. A sua existência já configura a racionalidade ética, pois confronta diretamente a forma do pensamento e da ação que parece estar em controle. A ligação amorosa entre os dois em um cenário distópico de catástrofe é

um posicionamento ético-político. O choro de Proloff, quando da morte de Adeline, é paralelo ao desmoronamento da racionalidade ardilosa que sustenta o modo de vida do trem.

Apesar disso, a mensagem final talvez não seja tão otimista. O Perfuraneve não cessa de rodar. Assim como ele se tornou até certo ponto autônomo, talvez a racionalidade do progresso que a modernidade tanto alimentou também tenha se tornado autossuficiente. Enquanto Proloff estiver habitando o trem, ou mesmo talvez depois de sua morte, o Perfuraneve continuará rodando, como lembrança eterna das escolhas que os seres humanos fizeram, fundindo-se em morte e vida com o meio ambiente.

Conclusão

Antonio Candido, em sua obra *Literatura e sociedade* (2006, p. 45) lembra que o leitor se configura enquanto público, condicionado pelo meio no qual vive na sociedade de massas. Assim, embora o intuito do trabalho aqui realizado tenha sido o de mediar espécie de diálogo entre o quadrinho, as teorias discutidas e a leitura do trabalho, é importante reconhecer que sempre existe a possibilidade de algo se perder. Não existe uniformidade nas reações humanas frente ao texto, apesar da grande quantidade de referenciais que são compartilhados.

Dentro de diversas possibilidades de leitura do quadrinho, algumas foram privilegiadas em detrimento de outras. Muitas vezes a opção foi por deixar o texto falar, reconhecendo que seu conteúdo não é, diretamente, objeto analisável. Além disso, tendo em vista que se trata de obra que pode ser classificada como distópica, é sempre forte a sua relação com a realidade vivida. Talvez resida neste aspecto o potencial crítico do quadrinho de lidar com as questões que foram suscitadas, como a problemática ainda presente da testemunha e da continuidade do pensamento do progresso irrefreável e destrutivo.

Finalmente, a lógica do progresso culmina na grande crítica à destruição do meio ambiente, não casualmente posto como pano de fundo desta história, em que o discurso das elites resulta na dominação, concentração dos privilégios e agressão dos direitos essenciais dos seres humanos, que vivem em uma lógica de sociedade em ruínas. Aumentadas as proporções, os danos ambientais ali contidos parecem apontar para a insegurança no real, ou a necessidade de atentar-se ao perigo absoluto e iminente, em que o dano ambiental seja tal que comprometa sem retorno a sobrevivência das espécies. Visto o acúmulo passivo dos riscos de se criar um futuro inviável e pouco justo com as gerações posteriores, a história em quadrinhos opta por um viés pessimista, alertando sobre o Perfuraneve cotidiano e mundializado a que se dá o nome de Terra; a partir disso, a narrativa pode ser lida como análise do presente, demandando um otimismo na ação suscitada pela leitura.

Referências

- ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado. In: _____. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- LOB, Jacques; LEGRAND, Benjamin; ROCHETTE, Jean-Marc. *O Perfuraneve*. São Paulo: Aleph, 2015.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Trad. Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 3-15, 1989.
- SOUZA, Ricardo Timm de. O nervo exposto: por uma crítica da ideia de razão desde a racionalidade ética. In: GAUER, Ruth Maria C. (Org.) *Criminologia e sistemas jurídicos-penais contemporâneos II*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 107-118.

Recebido em: 18 maio 2016.

Aprovado em: 13 jul. 2016.

